

Jornalismo: um novo operador do biopoder

Journalism: a new biopower operator

Jeferson Bertolini – Universidade Federal de Santa Catarina | Florianópolis |
Santa Catarina | Brasil | jefersonbertolini@gmail.com |

 <https://orcid.org/0000-0003-2781-6547>

Resumo: Este artigo apresenta pesquisa sobre a relação entre jornalismo e biopoder (técnica de poder que busca produzir corpos economicamente ativos). O objetivo é apurar se o discurso de programas jornalísticos sobre saúde e bem-estar é compatível com o biopoder, e se isso torna o jornalismo um operador do biopoder. O trabalho adota o programa Bem Estar, da Rede Globo, como objeto de estudo. Usa análise de discurso. O artigo conclui que o jornalismo desponta como novo operador do biopoder porque traduz e faz circular o saber médico, indispensável às técnicas corporais, e que o discurso jornalístico sobre saúde é compatível com o biopoder porque incide sobre o corpo, o alvo do biopoder, com o pretexto de torná-lo saudável.

Palavras-chave: Jornalismo. Biopoder. Corpo. Televisão.

Abstract: This article presents research about relationship between journalism and biopower (power technique that seeks to produce economically active bodies). The objective is to verify if the content of journalistic health programs is compatible with biopower and if this makes journalism a biopower operator. The work uses discourse analysis. It adopts the Bem Estar program, by Rede Globo, as an object of study. The relationship between biopower and journalism must be studied because, on the one hand, there is a power technique that seeks to govern the lives of individuals, becoming more apt to the capitalist world, and, on the other, there is a media field that speaks to the masses.

Keywords: Journalism. Biopower. Body. Television.



<http://dx.doi.org/10.22484/2318-5694.2019v7n16p145-162>

Recebido em abril 2019 – Aprovado em agosto 2019.

1 Introdução

Biopoder é um conceito notório na obra de Michel Foucault (1936-1984). Em resumo, refere-se a um conjunto de técnicas de poder que busca criar um estado de vida na população para produzir corpos economicamente ativos e politicamente dóceis. O biopoder se divide em disciplinas (recaem sobre o corpo dos indivíduos, procurando potenciá-los) e biopolítica (recai sobre a população como um todo, na tentativa de regulá-la). “As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois polos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida” (FOUCAULT, 2012, p.152).

Na obra de Foucault (2012) a medicina sempre foi um operador do biopoder: desde o século XVII, quando o biopoder passou a vigorar no Ocidente, a medicina serviu ao Estado nas políticas de promoção da vida e na tentativa de regular ou melhorar a população. No início, a medicina se encarregou de processos como a proporção dos nascimentos, a taxa de reprodução e a fecundidade da população. “São esses processos de natalidade, mortalidade, longevidade que, com os problemas econômicos e políticos, constituíram os primeiros objetos de saber e os primeiros alvos de controle dessa biopolítica” (FOUCAULT, 2012, p. 204).

No âmbito do biopoder, a medicina ganhou importância com a proximidade entre política e as regulações do corpo. “O poder político faz dos corpos o local de seu exercício. À medicina cabe determinar formas e normas pelas quais o corpo politizado será constituído” (FARHI NETO, 2010, p. 36).

Este artigo pensa o jornalismo como um novo operador do biopoder: o jornalismo não é a medicina, mas colabora com as estratégias de biopoder quando traduz e faz circular o saber médico. Isso ocorre especialmente por meio dos programas de televisão sobre saúde e bem-estar: ao ensinarem o público a se alimentar direito e a exercitar o corpo com eficiência, esses programas acabam por contribuir com as políticas que buscam melhorar os desempenhos do corpo, produzindo sujeitos

ativos. Nesses programas, o jornalismo leva o conhecimento formal (no caso, o saber médico) ao senso comum (no caso, o público).

No Brasil, a onda de programas de televisão sobre saúde e bem-estar começou em 2000, quando o médico Drauzio Varella participou do dominical Fantástico, da Rede Globo, apresentando a série Viagem ao corpo humano. A aceitação foi tamanha que, em 2011, a emissora criou um programa diário e ao vivo para tratar do tema: o Bem Estar.

Este artigo usa análise de discurso do programa Bem Estar para apurar se o discurso midiático sobre saúde e bem-estar é compatível com o biopoder. Por discurso, entende-se o conjunto de enunciados, composto por reportagens, entrevistas, falas de jornalistas, relatos de entrevistados e afins, veiculados na mídia. "O discurso não é algo neutro. Em relação ao poder que exerce, ele apresenta-se como um formidável instrumento de controle" (FOUCAULT, 2015, p. 349). "Suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1996, p. 8).

O encontro entre biopoder e mídia deve ser observado com atenção porque, de um lado, há uma técnica de poder que busca potencializar a vida dos indivíduos, tornando-os mais aptos às linhas de produção capitalista; de outro, há veículos de comunicação capazes de influir nas massas (DEFLEUR; BALL-ROKEACH, 1993). No caso estudado neste trabalho, esta influência se dá especialmente pelo jornalismo de serviço (DIEZANDINO, 1994).

Este é um estudo interdisciplinar. Associa temas da filosofia e de outras ciências humanas ao jornalismo. "A interdisciplinaridade é uma estratégia eficiente para a compreensão, interpretação e explicação de temas complexos" (MINAYO, 2010, p. 441).

O texto está dividido em três seções a partir da introdução. A primeira fala em jornalismo de serviço, praticado pelo Bem Estar. A segunda apresenta a metodologia do estudo. A terceira traz as categorias

analisadas e exemplos de Formações Discursivas extraídas da análise do discurso que, para este trabalho, parecem compatíveis com o biopoder.

2 Jornalismo de Serviço

O Bem Estar é um programa jornalístico da Rede Globo. Busca prestar um serviço à audiência. É compatível, portanto, com o jornalismo de serviço. Para este estudo, é na tentativa de prestar um serviço ao público (ensinar a cuidar do corpo) que o programa colabora, aparentemente sem querer, como as estratégias do biopoder.

O jornalismo de serviço teve início na década de 1980 nos Estados Unidos. Por um lado, este tipo de jornalismo costuma ser elogiado por ajudar a audiência em situações cotidianas, como informar sobre a previsão do tempo, a cotação do dólar, a movimentação nas estradas. Por outro, costuma ser criticado por suposto elo com o capitalismo, pois na ideia de serviço estaria a orientação para o consumo.

Melo (2007) entende o jornalismo de serviço como um gênero complementar. Não se trata de um gênero hegemônico, como o informativo, que no mundo se difundiu a partir do século XVII 17. Para este autor, o jornalismo de serviço se apoia na atualidade, mas sem o fator novidade. O fato é geralmente o mesmo, a fórmula é que se repete.

Chaparro (1998) aponta que o jornalismo de serviço é do tipo prático. Trata-se de algo que destoa da espécie narrativa (reportagem, entrevista, notícia). O serviço apresenta-se como forma de mediação para solicitações concretas da vida urbana, nos planos do negócio, da cultura, do consumo, do lazer, do acesso a bens e serviços, na ordenação de preferências e movimentos, nas estratégias e táticas de sobrevivência. “As espécies utilitárias deixaram de ser manifestações secundárias no relato da atualidade. Por isso, há que entendê-las e classificá-las enquanto formas do discurso, no jornalismo” (CHAPARRO,1998, p. 115-116).

Para Diezhandino (1994), o jornalismo de serviço é a informação que oferece ao receptor a possibilidade de ação e ou reação. Aquela informação que pretende ser de interesse pessoal do leitor, ouvinte,

expectador; que não se limita a informar sobre, mas para; que se impõe a exigência de ser útil na vida pessoal do receptor, psicológica e materialmente, mediata ou imediatamente, qualquer que seja o grau e o alcance dessa utilidade. “A informação cuja meta deixa de ser oferecer dados circunscritos ao acontecimento, para oferecer respostas e orientação” (DIEZANDINO, 1994, p. 89). Esta autora entende que o jornalismo de serviço ensina, previne, anima, adverte e aconselha e, em vez de se apoiar em acontecimentos políticos, militares, comerciais, econômicos e anúncios oficiais, investe no indivíduo concreto, com toda a sua cotidianidade, preocupações e desejos.

Se até começos da década de 1980 foi objeto de preocupação para profissionais e estudiosos a organização informativa a partir do conceito de novidade, a objetividade como bem quase supremo, a divisão entre fatos e opiniões, no transcurso da década de 1990 o principal tema de preocupação será o excedente de opiniões derivado de um tipo de jornalismo excessivamente personalista (DIEZHANDINO, 1994, p. 27).

Embora reconheça que desde 1980 nota-se esta tendência ao personalizado, a autora observa que o termo jornalismo de serviço é ambíguo e impreciso no tempo, pois há muito se considera que a função básica do jornalismo é prestar um serviço.

O conceito de jornalismo de serviço não é, pois, novo. O novo tem sido a assimilação da velha fórmula às novas necessidades. Sua reimplantação com critérios e moldes renovados. Uma resposta, entre outras coisas, à saturação informativa que termina ocasionando processos de rechaço à informação, quando não de desinformação e ignorância ativas (não querer saber) da audiência. Na idade da informação, as pessoas podem precisar menos de informação e mais de guia (DIEZHANDINO, 1994, p. 77).

Temer (2001) afirma que as reportagens de serviço têm componente pedagógico e cumprem as necessidades reais da comunicação. De fato, este tipo de jornalismo pode ser visto “como uma consequência natural do jornalismo enquanto responsabilidade social, uma vez que oferece opções, propostas, soluções e variados tipos de

informações úteis para se enfrentar a vida cotidiana” (TEMER, 2001, p.135).

Vaz (2013, p. 59) aponta que, “em sua essência, o jornalismo utilitário (como também é chamado o jornalismo de serviço) é uma atividade que se propõe a elaborar uma informação útil, utilizável e prática”. É útil porque tem serventia ao público ou parte dele. É utilizável, pois há chances que os indivíduos tomem atitudes após contato com os conselhos estabelecidos na mensagem. Prática, por oferecer dados que ajudem a resolver problemas do dia a dia, tomada de decisões e a perda de tempo e dinheiro.

3 Metodologia

Esta pesquisa usa Análise de Discurso. A técnica foi aplicada ao programa Bem Estar, da Rede Globo. Foi analisado o discurso de 81 programas (33,19% dos exibidos em 2016)¹. Como recorte, escolheu-se o primeiro mês cheio de cada estação do ano: janeiro (verão), abril (outono), julho (inverno), outubro (primavera).

A Análise de Discurso busca identificar o sentido do que é dito (ORLANDI, 2001). A técnica foi aplicada no estudo do jornalismo. “Consideramos que a Análise do Discurso é especialmente produtiva para dois tipos de estudo no jornalismo: mapeamento das vozes e identificação dos sentidos” (BENETTI, 2007, p. 107).

A análise de entrevistas, depoimentos e relatos de jornalistas e de especialistas entrevistados pelo programa permitiu a identificação de Formações Discursivas (FDs). Para facilitar a compreensão do estudo, essas FDs foram divididas em 10 categorias. As FDs apresentadas na próxima seção são apenas exemplos; elas não esgotam o total de FDs analisadas. As FDs são apresentadas entre aspas. Ao fim de cada uma delas, destaca-se o tema principal e a data da veiculação do programa entre parênteses (às vezes não casa com a fala do entrevistado porque, embora tenha um assunto geral, o Bem Estar traz outros tópicos na pauta

¹ Disponíveis em: <https://globoplay.globo.com/v/4710794/programa/>

diária). As categorias foram criadas pelo autor deste estudo com base (i) em leitura prévia sobre biopoder e (ii) no discurso do programa (naquilo que, para este trabalho, parecia compatível com o biopoder). Os nomes de algumas categorias coincidem com os termos de Foucault (2012) sobre biopoder, mas o leitor não deve procurar todos os termos do autor, como se este trabalho fosse a aplicação deles no âmbito da mídia.

As categorias e os respectivos argumentos de elo com o biopoder são:

a) poder medical: é a primeira formulação biopolítica em Foucault (2012). Nela, o médico aparece como instrumento do controle político da saúde da população.

b) poder nutricional: como o médico, o nutricionista pode se converter em instrumento do controle político para disciplinar a saúde da população.

c) ciência: é compatível com o biopoder porque é usada para enaltecer ou para dar contornos de verdade àquilo que foi estudado pelos médicos e que, por esse motivo, pode ser consumido, comprado, adotado, manipulado, prescrito, indicado à saúde.

d) comida eficiente: é compatível com o biopoder porque busca formar um corpo eficiente, vigoroso, disponível ao mercado de trabalho. Nele, a comida não deve priorizar o prazer; deve nutrir o corpo.

e) norma: é compatível com o biopoder porque busca reger os indivíduos por meio de um modelo. O modelo analisado é o corporal.

f) corpo máquina: vê o corpo como algo que pode ser constantemente melhorado, modificado; como algo que pode render mais.

g) natural x artificial: é compatível com o biopoder porque mostra que, em nosso tempo, a natureza pode ser modificada para potencializar o corpo humano.

h) disciplina: é a parte do biopoder com foco no adestramento do corpo.

i) alarmismo: liga-se ao biopoder pelo dispositivo da segurança: é preciso calcular o risco que ameaça a população.

j) dicas: contêm traços de biopoder porque é por meio delas que o programa televisivo ensina e que o público descobre como aumentar as potencialidades do corpo.

O Bem Estar foi escolhido como objeto de estudo deste trabalho porque foi o primeiro programa de jornalismo da televisão brasileira a tratar, ao vivo e diariamente, sobre saúde e bem-estar. A atração foi criada em 2011. Até abril de 2019, quando foi rebaixado à condição de quadro dos programas Encontro com Fátima Bernardes e É de Casa, era apresentado de segunda à sexta-feira, entre 10h e 10h45, com o argumento de “ajudar o público a levar uma vida mais saudável”. O apresentado por dois jornalistas. Eles contavam com a participação de sete médicos consultores (pediatra, psiquiatra, ginecologista, dermatologista, oftalmologista, cardiologista e ortopedista), que participam ao vivo, em sistema de revezamento, de acordo com a pauta.

Desde 2011, a atração procura ensinar os segredos da alimentação saudável e a importância da atividade física. Costuma condenar a gordura e incentivar a magreza, apresentada como garantidora da boa saúde. O estúdio costuma imitar a sobriedade de um consultório médico, pintado em tom pastel e adornado com livros, maquetes médicas, tubos de ensaio e folhagens discretas. Mas pode reproduzir um ambiente de praia ou de piscina, com espreguiçadeira e guarda-sol, se o tema for ligado ao verão.

O surgimento do Bem Estar se deu após o sucesso de quadros sobre saúde lançados pela Rede Globo em outros programas jornalísticos da emissora. O mais notório deles foi a participação do médico Drauzio Varella no Fantástico. Em 2018, o Bem Estar atingia, segundo a emissora, 5,8 milhões de telespectadores por dia. A audiência era formada por 68% de mulheres e 32% de homens. A maioria era da classe C (47%). Os demais eram das classes A e D (35%) e E (18%). A distribuição do público por faixa etária era: de quatro a 11 anos (4%), de 12 a 17 (6%), de 18 a 24 (7%), de 25 a 49 (42%), maiores de 50 (41%)².

² Dados fornecidos pela Rede Globo. Disponível em: <<http://encurtador.com.br/beAJQ>>.

4 Resultados da AD: o que diz o Bem Estar em termos de biopoder

Esta seção apresenta FDs que, para este estudo, mostram que há compatibilidade entre o discurso jornalístico e o biopoder. As FDs estão divididas em 10 categorias.

a) poder medical

O programa Bem Estar dá amplo espaço aos médicos. No programa, o público parece conduzido a uma obediência plena à medicina. Até para espremer cravos é preciso submeter-se ao poder médico. “Esta telespectadora [mulher que enviou foto de cravo no rosto] tem que procurar um dermatologista para se tratar”, diz dermatologista ao ver imagem (19/01, sobre cravos e espinhas).

O médico pode aparecer como aquele que sabe o que precisa ser feito e a maneira como deve ser feito: “Indicamos 30 minutos de atividade física por dia, cinco dias por semana. Para a pessoa não correr o risco de excesso é importante ter um profissional orientando”, diz fisiologista (29/01). Também pode aparecer como aquele que pode evitar o sofrimento alheio ou ajudar aquele que enfrenta algum problema: “Se ficar triste por mais de duas semanas, a pessoa pode pedir ajuda a um psiquiatra”, diz psiquiatra (08/07, sobre depressão infantil).

O profissional da medicina conhece as consequências do descuido com a saúde: “Qualquer sangue nas fezes você deve procurar um médico. Pode estar ocorrendo algo mais grave”, diz médico sobre sangramento na evacuação (11/04, sobre prisão de ventre).

Ora o médico aparece como salvador: “Cura é uma coisa para poucos. Mas nós queremos dizer ao planeta que a gente [médico] está tentando chegar lá”, diz otorrino sobre perda de audição (03/10, sobre males do ouvido). Ora como o único habilitado a falar sobre determinado assunto: “É a depressão psíquica ressidivante”, diz o mesmo profissional sobre sintoma do Parkinson (28/04, sobre Parkinson).

Conduzido ao posto de autoridade, o médico decide o que a população pode e o que não pode em termos de saúde. “A prudência diz

para esperar”, diz médico à telespectadora de 34 anos que quer saber se pode engravidar durante a epidemia de zika (13/01, sobre zika).

b) poder nutricional

O nutricionista é o profissional mais ouvido no Bem Estar depois dos médicos. No programa, o nutricionista aparece como aquele que detém o conhecimento sobre a alimentação, sabendo tirar o máximo proveito dos alimentos: “Frutas vermelhas são ricas em licopeno, que previnem o câncer de pele” (04/04, sobre frutas). O nutricionista surge como aquele que ajuda: “Alimentos com triptofano (aveia, batata doce e feijão) ajudam a dormir melhor” (18/01, sobre comer à noite).

Ao apresentar-se como autoridade em alimentos, o nutricionista ganha autoridade e passa a dizer o que está certo ou errado na hora de comer. “Pode comer sem culpa”, diz nutricionista sobre molho de tomate (11/01, sobre macarrão). Autorizado a opinar, o nutricionista passa a regular o prato alheio. “A dose ideal são duas conchas, senão engorda, ok?”, diz nutricionista ao ensinar sopa “para comer sem engordar” (01/07, sobre lanches).

c) ciência

O discurso de médicos e nutricionistas para construir corpos magros e ativos se baseia, em grande parte, naquilo que foi estudado ou dito pela ciência. Outras formas de conhecimento, como o popular, são ignoradas no programa. No programa, a ciência aparece como aquela que ajuda a saúde porque identifica o que faz bem ao corpo: “Alguns estudos mostram que a cúrcuma tem poder antioxidante (faz bem ao coração)”, diz nutricionista (11/01, sobre macarrão).

O estudo não busca dominar. Procura ajudar as pessoas: “Tudo isso é estudado para fazer bem às pessoas”, diz especialista em alimentos (12/01, sobre conservantes).

Não só o alimento é estudado. A atividade física também: “Nós temos evidências na literatura de que atividade física deve acompanhar o cardíaco”, diz fisiologista (29/01, sobre atividade física).

A ciência é usada como argumento daquilo que está sendo dito: “Estudo comprova: crianças que preferem doce têm mais chances de engordar”, diz mensagem exibida na tela (19/04, sobre consumo de doces); “Estudos científicos mostram que quando você tem cachorro, tem menos infarto e derrame cerebral. Isso é comprovado cientificamente”, diz médico (11/10, sobre animais de estimação e saúde).

A ciência surpreende, por isso deve ser admirada: “O que é bom para o coração é bom para o cérebro, descobriram pesquisadores da USP”, diz a apresentadora ao apresentar reportagem sobre estudo científico (08/07, sobre depressão infantil).

d) comida eficiente

O programa Bem Estar costuma apresentar a comida como algo que deve nutrir o corpo, tornando-o mais forte e saudável. No programa, a face nutritiva do alimento é a mais valorizada: “Você pode acrescentar abóbora no molho para ele ficar mais nutritivo”, diz nutricionista ao ensinar receita de molho (11/01, sobre macarrão).

Aquilo que ameaça o bom funcionamento do corpo é desencorajado: “Carboidrato: todo mundo hoje tem medo de comer”, diz Michele Loretto ao comentar sobre alimentos que engordam (20/07, sobre tapioca).

O alimento que faz bem ao corpo é incentivado. “Mulheres devem comer ácido fólico para ter uma gestação segura” (21/07, sobre gravidez).

A eficiência está atrelada ao que podemos chamar de cálculo: tudo que é consumido ou eliminado pelo corpo por meio de atividade física deve ser calculado. Deve-se saber a quantidade de calorias, o percentual de gordura, a composição química: “Copo de iogurte tem 300 miligramas de cálcio; duas fatias de queijo equivalem a um copo de leite; 800 miligramas de cálcio é o que você precisa por dia”, diz nutricionista (06/04, sobre saúde dos ossos).

O número ajuda na saúde: “Para fazer coco, você precisa de 25 gramas de fibras por dia”, diz mensagem exibida na tela (11/04, sobre prisão de ventre).

Também está na meta do dia: “É obvio que estas calorias [lanche da manhã] devem ser contadas na meta do dia: quantas calorias cabem no meu lanche da manhã, quantas calorias eu devo comer no lanche da tarde”, diz nutricionista (04/07).

Saber a quantidade de calorias perdidas se converte naquilo a ser descoberto e festejado: “Quantas calorias você perdeu?”, pergunta repórter a mulher que faz treino intervalado para emagrecer.

e) norma

O programa Bem Estar valoriza quem leva uma vida saudável. Os entrevistados elogiam quem almoça vegetais, quem para de fumar, quem caminha diariamente. Enaltecem, sobretudo, quem perde peso. O corpo magro e saudável aparece como norma.

O programa enaltece a magreza ao ensinar a “comer sem engordar” ou a comer menos. “Sabia que comer casca de fruta ajuda a controlar o colesterol? É a nossa dica de hoje no quadro comer sem engordar”, diz a apresentadora Michele Loretto (21/04, sobre colesterol). A magreza é festejada como sinônimo de beleza ou como boa notícia. “A boa notícia é que você está mais magro”, diz nutricionista ao apresentador Fernando Rocha, após ele se pesar em programa de emagrecimento (25/07, sobre IMC).

Busca-se espantar a gordura: “Olha só que coisa abençoada: além de ficar mais gostoso, quando você coloca o queijo, diminui o índice glicêmico”, diz Fernando Rocha ao botar queijo no pão (carboidrato puro eleva glicemia) (19/04, sobre doces).

O programa valoriza o corpo mediano. “A gente pegou assim uma média de um peso feminino. Temos aqui uma mulher elegante, esbelta, que pesa 68 kg. Ela vai precisar de 68 gramas de proteína”, diz Fernando Rocha. “Vamos pegar o modelo masculino: um rapaz saudável de 90 kg”, diz o apresentador (01/07, sobre lanches).

Este discurso parece refletir ente os telespectadores, que enviam mensagens dizendo que gostariam de perder peso: “O meu grande sonho na vida é pesar menos de 100 kg”, diz humorista obeso (25/07, sobre

IMC); “Me sinto muito bem estando leve”, diz mulher que emagreceu 30 kg (28/04, sobre Parkinson).

f) corpo máquina

O corpo máquina procura pensar o homem como um relógio, uma máquina programada para comer e se exercitar na medida certa. Ao corpo não cabe prazer, vontades. Cabe roteiros, programas, controles que adestram o ser humano.

O Bem Estar costuma comparar o corpo à máquina, sobretudo ao computador. “O cérebro tem que se conectar, fazer sinapses, como um computador”, diz pediatra (22/07, sobre brincar faz bem à saúde).

O corpo pode ser moldado, construído como uma máquina: “Eu preciso transformar a máquina que é o Fernando numa máquina capaz de queimar uma grande quantidade de gordura”, diz pesquisador da Universidade de São Paulo (USP) que desenvolveu uma dieta e um programa de exercício para ajudar o apresentador Fernando Rocha a oxidar gordura e emagrecer (01/07, sobre lanches).

O cérebro, quando funciona programado como uma máquina, é capaz de vencer sentimentos naturais, como a preguiça e a gula: “É emagrecendo o cérebro que a gente emagrece o corpo”, diz neurocientista, participante de um quadro de emagrecimento (29/01, sobre atividade física).

O discurso sobre o corpo como máquina não está apenas na fala de médicos. Aparece também em recursos gráficos usados para explicar o funcionamento do corpo. De exemplo pode ser citado o programa de 18/01 (sobre comer à noite), no qual um infográfico mostra o corpo “programado como um relógio” para comer nas horas certas.

g) natural x artificial

Nesta categoria destaca-se o perigo à saúde contido no natural ou no artificial. No programa há um alerta em relação à natureza: “Há muitos venenos na natureza”, diz especialista em alimentos (12/01, sobre conservantes de alimentos). Por outro lado, há uma predisposição à

suposta segurança do produto industrializado: “Olha que beleza”, diz pediatra ao ver picolé industrializado (21/01, sobre comida de praia); “O picolé feito em casa a gente não sabe a procedência da água”, completa ela.

O artificial pode ser visto como aquilo que faz bem ou que corrige falhas do corpo: “Se o homem não produz hormônio, a gente pode dar uma ajudinha”, diz médico (18/07, sobre tratamento para emagrecer); “Elas [mulheres] chegam aqui achando que não vão engravidar. Mas a gente muda isso”, diz endocrinologista, parecendo Deus (06/10, sobre endometriose).

O artificial pode ajustar o funcionamento ou o formato do corpo: “Mudar o corpo é o desejo de algumas pessoas, ainda mais de algumas mulheres, só que muitas vezes as pessoas fazem todos os procedimentos e decidem voltar atrás. Hoje em dia, com os avanços da medicina, isso já é possível, sabia?”, diz Michele Loretto (21/10, sobre silicone industrial e anabolizante).

O artificial pode salvar vidas. Exemplo está em reportagem sobre “galinhas modificadas geneticamente à produção de vacina da gripe”. Não são galinhas comuns. Nascem da intervenção científica (16/04, sobre relação entre gripe e males do coração).

O industrializado nos melhora ou nos reabilita: “Ela passou a escutar depois de um implante cocliar”, diz repórter sobre menina de cinco de Curitiba que está começando a escutar agora graças a um aparelho. “A gente fica tocado demais”, diz Mariana Ferrão, também chorando com a cena (03/10).

No caso específico da alimentação, parece haver uma inclinação ao natural: “Não é que seja proibido. É liberado pela Anvisa [Agência Nacional de Vigilância Sanitária]. Mas é importante você ter consciência do que está levando para casa”, diz Fernando Rocha após informar que suco industrializado tem 21 produtos (12/04, sobre alimentos processados).

h) disciplina

Especialistas ouvidos pelo programa Bem Estar recomendam disciplina a quem quer atingir metas, como perder peso, reduzir a quantidade de calorias nas refeições ou manter uma rotina de atividades físicas.

No programa, o discurso disciplinar às vezes se parece com incentivo: “A gente está aqui para não te deixar desistir”, diz o apresentador à neurocientista que se preparava havia 50 dias para correr prova de 10 km (08/01, sobre dança).

O programa recomenda a vigilância, mesmo que seja com outros nomes: “Tenho uma amiga que é ponta firme e me ajuda muito a não desistir”, diz neurocientista que faz parte de programa de emagrecimento (08/01, sobre dança).

O Bem Estar valoriza a voz da autoridade: “É preciso acabar com essa preguiça”, diz médico sobre indisposição ao exercício (08/04, sobre esporte).

Aquele que tem disciplina vive melhor: Quando você tem organização, você poupa energia, você gasta menos tempo. O ambiente muito desorganizado causa estresse”, diz psiquiatra (01/04, sobre organização da casa).

Os telespectadores parecem reagir de acordo com os enunciados de ordem e controle. “A vontade de comer as coisas nada mais é que impulso. Se você souber controlar, logo passa”, diz diarista que quer emagrecer 30 kg (04/07, sobre trabalho que engorda); “Cansa bastante, mas você perde muita caloria e sente a diferença no seu corpo”, diz bancária que faz aula de *jumping* para emagrecer (14/01, sobre joelho); “Você sai destruída, mas se sentindo muito bem”, diz outra aluna.

i) alarmismo

O alarmismo surge de uma série de alertas feitos pelo Bem Estar sobre riscos (como risco de morrer ou de contrair determinada doença). No programa, fala-se em risco de morte como forma de preservar a vida:

“Toxina botulínica pode matar”, diz química (12/01, sobre conservantes nos alimentos).

O alarmismo também leva em conta o número: “A cada 45 segundos morre uma pessoa no Brasil por causa do colesterol. Desde o início do programa, dezenas de pessoas já morreram”, diz cardiologista (26/01, sobre colesterol).

O alerta às vezes procura evitar um problema: “Proteína em excesso pode formar pedra nos rins”, diz mensagem exibida em tela (28/01). Às vezes recorre-se aos sintomas para se alertar dos riscos: Você enxerga embaçado? Cuidado, sua retina pode estar por um triz”, diz apresentadora (05/10, sobre cegueira infantil).

j) dica

O Bem Estar traz uma série de dicas ao público. Dica soa como um conselho. Tem uma carga positiva. Não está atrelada a um risco, como no alarmismo.

No programa, a dica mais comum é sobre alimentação: “Não se deve tomar leite, antibiótico ou café”, diz cientista de alimentos ao ensinar a minimizar os efeitos da diarreia (12/01, sobre conservantes).

Também podem ensinar estratégias sobre doença ou desconfortos: “Colocar compressa fria na virilha e axila gela o corpo”, diz dermatologista (13/04, sobre calor).

A dica pode até ajudar na escolha da roupa: “É bom usar amarelo e vermelho. O branco deixa passar o sol. O preto é a cor que mais retém calor”, diz dermatologista ao sugerir cores de roupa para se usar no verão (06/01, sobre câncer de pele).

5 Considerações finais

Ao analisar o discurso do Bem Estar (81 programas) e de pensar esse discurso (conjunto de entrevistas, relatos e falas de jornalistas e especialistas) no contexto do biopoder, este trabalho conclui que o discurso do programa é compatível com o biopoder porque, ao estimular

o cuidado com o corpo, colabora com o objetivo máximo do biopoder: produzir corpos economicamente ativos.

Este estudo também conclui, tomando o Bem Estar como exemplo de programas que usam o jornalismo para ensinar os segredos do bom funcionamento do corpo à audiência, que o jornalismo opera como um “novo” operador do biopoder porque traduz e faz circular o saber médico, indispensável às que técnicas do fazer viver. Dissemos “novo” porque, na análise de Foucault (2012), usado como referência neste trabalho, esta operação cabia principalmente à medicina. No âmbito do biopoder, a medicina aparece como instrumento do controle político desde o século XVII: instrumentalizada pelo Estado, a medicina passa a exercer sobre os indivíduos de uma população uma série de intervenções que, no conjunto, buscam otimizar sua saúde, tornando seus corpos mais produtivos.

O Bem Estar foi criado em 2011. Até 2019 esteve na grade de produtos jornalísticos da Rede Globo. Em 2019, mesmo tendo sido rebaixado à condição de quadro dos programas Encontro com Fátima Bernardes e É de Casa, vem dando amplo espaço à medicina: no programa, os médicos têm a oportunidade de demonstrar um conhecimento especializado sobre saúde e de levar às técnicas do fazer viver ao grande público.

O programa Bem Estar e o jornalismo como um todo têm interesse em produzir corpos melhorados ou economicamente ativos? Este estudo apostaria que não. Para esta pesquisa, jornalistas buscam simplesmente prestar um serviço quando ensinam a audiência a cuidar do corpo; não perceberiam que, embutidas no discurso em favor da saúde plena que veiculam, há estratégias de biopoder.

6 Referências

BENETTI, M. **Análise do Discurso em jornalismo**: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, C; BENETTI, M.. Metodologia de pesquisa em Jornalismo. Petrópolis: Vozes, 2007

CHAPARRO, M. C. **Sotaques d'aquém e d'além mar**: percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro. Santarém: Jortejo, 1998

DEFLEUR, M.; BALL-ROKEACH, S. **Teorias da Comunicação de massa**; tradução de Otávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993

DIEZHANDINO, M. P. **Periodismo de serviço**. Barcelona: Bosch, 1994

FARHI NETO, L. **Biopolíticas**: as formulações de Foucault. Florianópolis: Cidade Futura, 2010

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber; tradução de Maria Thereza da Costa e J. A. Guilhon Albuquerque. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2012

_____. **Microfísica do poder**; tradução de Roberto Machado. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015

_____. **A ordem do discurso**; tradução de Laura Fraga. 5 ed. São Paulo: Loyola, 1996

MINAYO, M. C. de S. **Disciplinaridade, Interdisciplinaridade e Complexidade**. In: Revista Emancipação. Ponta Grossa, 2010

MELO, J. M. **Gêneros de comunicação massiva**. São Bernardo: Metodista, 2007

ORLANDI, E.. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2001

TEMER, A. C. P. **Notícias & serviços nos telejornais da Rede Globo**. Tese (Doutorado) em Comunicação Social. São Bernardo do Campo: Metodista, 2001

VAZ, T. C. V. **Jornalismo utilitário: teoria e prática**. 2013. 260f. Tese (Doutorado) em Comunicação Social. São Bernardo do Campo: Metodista, 2013